



POLÍTICA OPERÁRIA

Uma das reivindicações centrais de nossa campanha salarial:

Que Lula e seu ministro do Trabalho, Luiz Marinho, ex-metalúrgico, revoguem imediatamente as reformas trabalhista, previdenciária e a lei da terceirização!

Faltam pouco mais de dois meses para a nossa data-base, em setembro. Até agora a campanha salarial continua no papel. A experiência de dividir em grupos para “negociar” com os patrões já demonstrou que só favorece os capitalistas. Essa será a segunda campanha salarial em que Lula e Marinho estão no comando do país. Ambos se recusam a revogar as contrarreformas dos governos Temer e Bolsonaro. Criaram um Conselho para discutir a reforma trabalhista e a terceirização, reunindo os patrões, governo e dirigentes sindicais, mas nada foi para frente. Ao contrário, o patronato continua com essas malditas contrarreformas. Nós, trabalhadores, continuamos amargando o pão que o diabo amassou com a terceirização, lay-off, banco de horas e demissões. As empresas terceirizadas tomaram conta de quase todas as fábricas, pagando salários menores e superexplorando nossa força de trabalho.

É preciso dar um basta nessa situação. Na época das eleições, Lula prometeu que revogaria tudo que fosse con-



Greves operárias no ABC, final dos anos 1970.

tra o trabalhador. Marinho repetiu que estaria ocupando o ministério para defender o trabalhador. Os dirigentes sindicais pediram nosso voto e também prometeram que este seria um governo diferente, porque estaria aberto ao diálogo com os explorados. Não vimos nada até agora. O salário mínimo continua de fome, a reforma trabalhista continua arrancando nossos direitos, a terceiriza-

ção avança por todos os setores e conseguir uma aposentadoria se tornou um martírio para milhões de trabalhadores.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a exigirem que as direções sindicais convoquem as assembleias e que unifiquem a campanha salarial. Além da reposição salarial, essa campanha tem de exigir que o governo Lula e Marinho revoguem as reformas de Temer e Bolsonaro. No entanto, essa exigência só poderá ser concretizada se as assembleias aprovarem a organização, desde já, da greve. Sem a luta direta, nem os patrões, nem Lula e nem Marinho atenderão nossas justas reivindicações.

Por uma campanha salarial unificada! A divisão só interessa aos patrões!

Lutar pela reposição integral da inflação e aumento real! Por um piso salarial igual ao salário mínimo vital, suficiente para manter os trabalhadores e suas famílias!

O Boletim Nossa Classe vem denunciando e combatendo, há muito tempo a divisão que a burocracia sindical dos metalúrgicos do ABC e de todo o país tem imposto à classe operária e aos demais trabalhadores. As campanhas salariais que antes eram unificadas, com a realização de assembleias gerais, uma só pauta e bancada de negociação, atualmente está dividida em vários grupos, que negociam separadamente com os patrões. A burocracia passou a fazer acordos que não repõem as perdas salariais com alguns grupos patronais e deixam os demais setores sozinhos, isolados para fazerem a luta. Conclusão: termina a campanha salarial e o piso salarial da maioria dos trabalhadores continua

uma miséria, insuficiente para manter uma família. Segundo o Dieese, o salário mínimo necessário para manter uma família de quatro pessoas deveria ser de R\$ 6.890,00.

É por esse motivo que o Boletim Nossa Classe chama os operários a exigirem que os sindicatos convoquem assembleias gerais democráticas, com direito dos trabalhadores se expressarem e apresentarem suas propostas, que devem ser discutidas e votadas por todos. Devemos acabar com a divisão entre trabalhadores efetivos, terceirizados e temporários. Somos uma só classe.

As reivindicações que unificam e defendem a vida dos trabalhadores e

suas famílias são: 1) Reposição integral da inflação e aumento real; 2) Por um piso salarial igual ao salário mínimo vital, calculado pelos próprios trabalhadores em suas assembleias. São os trabalhadores que sabem quanto é necessário para manter suas famílias; 3) Emprego a todos por meio da redução da jornada de trabalho, sem redução de salários, e a divisão das horas necessárias para produzir nacionalmente entre todos os trabalhadores aptos ao trabalho (escala móvel das horas de trabalho); 4) Efetivação de todos os trabalhadores terceirizados; 5) Revogação das contrarreformas trabalhista e previdenciária, e da lei da terceirização.

Operários da Volkswagen revoltados rejeitam proposta de horas extras!

No dia 11 de junho, o sindicato metalúrgico do ABC realizou assembleia com os trabalhadores da Volkswagen e colocou em votação a proposta de trabalhar vários sábados adicionais e feriados como horas extras. A empresa alegou que necessita recuperar a produção perdida durante as férias coletivas, que ela havia concedido. Frente as críticas de um operário no setor, antes da assembleia, o Leandro, representante da Comissão de fábrica da Ala 1, estamparia, falou que “por ele os sábados adicionais horas extras seriam obrigatórios”. Vejam companheiros, o grau de servilismo a que chegaram esses diretores

sindicais traidores! Abandonaram totalmente a defesa dos trabalhadores e passaram a defender os interesses da patronal. O coordenador da comissão de fábrica na assembleia fez todo tipo de manobra para tentar aprovar a proposta da fábrica. Porém, colocado em votação, a maioria dos operários rejeitou a proposta. Alguns operários reclamaram que já estão trabalhando 10 minutos diários de compensação, e trabalhando sábados para pagar banco de horas negativos. Agora, a empresa e a pelegada do sindicato querem empurrar mais trabalho aos sábados e feriados.

O Nossa Classe chama os operários da Volkswagen e demais empresas a se organizarem, para construir as comissões de luta, independente, classista e revolucionárias, para expulsar os dirigentes traidores do sindicato. Chamamos os operários a rechaçarem os acordos de horas extras, de Banco de Horas, PDV, Lay-off, que só beneficiam os patrões, e a lutar pela redução da jornada de trabalho, sem redução de salários. Por emprego a todos, dividindo as horas necessárias para produzir nacionalmente, entre todos os trabalhadores aptos ao trabalho (escala móvel das horas de trabalho). ■

Formação política do Nossa Classe

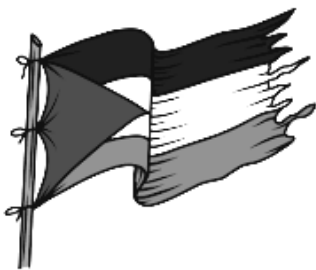
A origem e o papel dos sindicatos

Os sindicatos nasceram num estágio de ascensão do capitalismo, ou seja, de grande desenvolvimento das forças produtivas industriais. Os sindicatos surgiram da luta de classes, das revoltas espontâneas contra a opressão da classe burguesa sobre a classe operária. A burguesia (patrões) os combateram a ferro e fogo para que não viessem a se impor, pois se tratava de uma organização proletária. Através dos sindicatos, a classe operária superava a ausência de organização coletiva e imprimia à luta de classes uma nova dinâmica em relação às manifestações espontâneas. Passaram a expressar as reivindicações do proletariado (trabalhadores assalariados) de forma organizada. As reformas obtidas foram produto da luta de classes acirrada. Os sindicatos se edificaram como organização independente do proletariado frente à burguesia e seu estado. Tal independência refletia a capacidade do proletariado de se organizar como classe revolucionária. Não mais comparecia como uma classe dispersa e descontente com as consequências sociais do sistema de exploração da minoria opressora sobre a maioria oprimida. Mas sim como a classe capaz de se organizar à margem

das instituições patronais e impor-se como classe organizada. Frente às relações capitalistas de produção e apropriação das riquezas, em que os operários individualizados são obrigados a vender sua força de trabalho como mercadoria e concorrem entre si no mercado de trabalho, os sindicatos independentes se impuseram como uma conquista revolucionária. Como podemos ver nessa primeira parte da formação política, os sindicatos surgiram como organização independente da classe operária, para combater a exploração da burguesia (patrões) e seu Estado. Atualmente, as direções sindicais ligadas à CUT, à Força Sindical e demais centrais, ao apoiarem o governo burguês de Lula/Alckmin, abandonaram a luta independente da classe operária contra a exploração capitalista e estatizaram os sindicatos e centrais.

O Nossa Classe chama os operários a exigirem que os sindicatos e centrais rompam com o governo burguês de Lula e organizem a luta com independência política, convocando um Dia Nacional de Luta, com manifestações e bloqueios, como preparação da greve geral, em defesa dos empregos, salários e direitos.

MAIS UM MASSACRE NA FAIXA DE GAZA! FIM DO GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO!



No dia 8 de junho, um dia após completar 8 meses de ocupação na faixa de Gaza, as forças do Estado Sionista de Israel desfecharam um ataque por terra e ar, matando 274 palestinos, entre eles 64 crianças e adolescentes, e 57 mulheres, estimando-se 698 feridos. Contabilizam-se 37.124

vítimas fatais da ofensiva militar de Israel. A decisão de passar por cima de milhares de corpos para o Estado sionista apossar-se dessa parte do que restou do território palestino expressa a estratégia do genocídio.

Pela retirada imediata e incondicional do exército sionista de Israel da Faixa de Gaza. Pela autodeterminação do povo palestino! Por uma República socialista que una judeus, palestinos e árabes!



Encontro Operário

Companheiro, venha participar do Encontro Operário do Nossa Classe

28/7 • 15h • Santo André • Presencial

Nosso objetivo é o de construir oposições de luta, classistas e revolucionárias para resgatar os sindicatos para a luta em defesa dos empregos, salários e direitos.

Entre em contato através do número: (11) 95446-2020.



NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores! Sob o programa da revolução proletária!

Entre em contato para participar



pormassas.org



massas.por



(11) 9 5446-2020